UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES

CLEMENTE MENDES

UBUNTU E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO NA ÁFRICA

São Francisco do Conde

2017

CLEMENTE MENDES

UBUNTU E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO NA ÁFRICA

Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Faculdade de humanidades e letras UNILAB como requisito básico para a conclusão do Curso de bacharelado em humanidades

São Francisco do Conde

2017

CLEMENTE MENDES

UBUNTU E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO NA ÁFRICA

Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Faculdade de humanidades e letras UNILAB como requisito básico para a conclusão do Curso de bacharelado em humanidades

Aprovado em: 28/07/2017.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Bas´Ilele Malomalo (Orientador)

Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Paulo Proença (Examinador)

Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Denilson Lima Santos (Examinador)

Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

SUMÁRIO

1	**JUSTIFICATIVA**	5
2	**PROBLEMA DA INVESTIGAÇÃO**	6
3	**HIPÓTESES DA PESQUISA**	8
4	**OBJETIVOS DA PESQUISA**	9
4.1	OBJETIVO GERAL	9
4.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	9
5	**FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**	9
5.1	UBUNTU EM RAMOSE	9
5.2	UBUNTU E O DEBATE DE HARMONIA COM A NATUREZA	10
5.3	UBUNTU, ECONOMIA E A GESTÃO EM ÁFRICA	11
6	**METODOLOGIA**	13
6.1	COLETA DE DADOS	13
6.2	ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS MATERIAIS COLETADOS	14
7	**CRONOGRAMA**	
	REFERÊNCIAS	

1 JUSTIFICATIVA

Esse projeto é parte de um macro-projeto coordenado pelo professor Bas'Ilele Malomalo intitulado "Ubuntu/Bisoidade como projeto alternativo de sociedade diante da crise social, econômica, jurídico-política e ambiental do modelo desenvolvimentista ocidental: um olhar a partir da América Latina e da África". Trabalho nele como bolsista. Entre os resultados do referido macro-projeto encontram-se: (1) iniciar o bolsista à pesquisa científica; (2) coletar os dados sobre a relação entre Ubuntu e o desenvolvimento econômico da África; (3) motivar o bolsista a transformar o seu trabalho de investigação em Trabalho de Conclusão de Curso e, antes da finalização do projeto, a publicar um artigo junto com o orientador ou individualmente.

De acordo com intelectuais progressistas, o modelo de desenvolvimento capitalista, colocou a humanidade perante uma crise mundial dos quais os impactos se fazem sentir em todas dimensões da vida, tanto social, econômica, jurídica, política e ambiental. Para se encontrar saídas, faz-se apelo a novas formas de criação de conhecimento para se reflexionar um novo projeto de sociedade. Em vista disso, é importante debruçar se sobre Ubuntu e desenvolvimento econômico na África porque, a sua relação com a economia e gestão poderá nos levar a uma mudança positiva e favorável a todos, seja na exploração de recursos naturais de forma mais racional, na preservação e proteção do ecossistema. A filosofia Ubuntu, a sua grande vantagem é ela considera todos os seres ou elementos componentes da terra como o sagrado, e a existência de cada um é muito útil e imprescindível, esse fato também contribuirá muito na redução do impacto ambientais.

É importante dedicar se sobre este estudo, pois é uma alternativa econômica não apenas para o continente africano, mas também, aos demais povos, porque a Ubuntu como filosofia visa um desenvolvimento econômica justo, equitativa, inclusiva e restringe assim a desigualdade social, uma distribuição de renda mais igualitária. Os valores de Ubuntu como solidariedade burlam as "leis" do mercado, limitam os malefícios das relações mercantis e dão um mínimo de garantia contra a exclusão econômica e social (LATOUCHE, 2013).

Obviamente a insuficiência econômico da África, nos coloca diante de uma necessidade de encontrar saída urgente. Nesta ordem de ideia, torna se primordial encontrar uma saída, analisar e saber a relação entre Ubuntu e desenvolvimento econômico da África, ou seja, procurar averiguar se há de fato um pacto entre Ubuntu e as organizações de desenvolvimento africanas.

Indiscutivelmente, cada pesquisa social parte de um pressuposto que é revelar, detectar ou identificar um problema em prol da sociedade. Por isso, essa pesquisa não foge essa lógica. Precisamente, é através deste propósito que o nosso objetivo está inserido. Em virtude disso, consideramos e reconhecemos a relevância deste estudo desde quando ele poderá trazer uma explicação evidente que permitirá os africanos em geral inteira-se melhor da importância de Ubuntu no quadro de desenvolvimento econômico. Com essa base o vigente projeto pode contribuir para o desenvolvimento econômico do continente.

O presente trabalho tem extrema importância acadêmica, pois, visto que, além de ajudar a sociedade africana entender essa relação, também contribuirá na ampliação de materiais didáticos para estudantes universitários, a partir da construção de uma ferramenta de apoio para futuras pesquisas relativamente a esta temática, engrossando assim na literatura que abordam Ubuntu no contexto de desenvolvimento econômico na África.

2 PROBLEMA DE INVESTIGAÇÃO

Como é bem sabido, o pensamento africano está enraizado na filosofia Ubuntu, que é o modo de vida dos africanos, a sua existência, além de estar presente em todas dimensões da vida cotidiana do continente, incorporado no quadro social cultural, ela é um conceito de gestão e pode ser aplicada no que diz respeito ao desenvolvimento econômico africano. Ubuntu é caracterizado como uma forma de vida que expressa a solidariedade, respeito/dignidade, sobrevivência e compaixão, enfatizando sempre a importância do coletivismo em vez do individualismo. As sociedades africanas acreditam que as realizações interpessoais, ou seja, coletivas seriam mais valiosas que as individuais. Segundo Tutu (2004), a partir da introdução de um modelo de gestão e desenvolvimento econômico individualista, dentro das organizações africanas, isso pode causar um impacto negativo para o desenvolvimento econômico e social. Fato que pode ser visto como um dos fatores condicionadores para a desigualdade social e divisão de classe.

Nesta perspectiva, seria necessário ilustrar que as organizações africanas só seriam capazes de disputar no cerne de mercado global, através da aplicabilidade do conceito de gestão exclusivamente africano, enraizado na filosofia Ubuntu (PENNIK et al 2010) ainda na mesma perspectiva, afirma Polak et al (2010) propõe que os gestores africanos devem adotar a filosofia

Ubuntu nos seus negócios, uma vez que ela é a base e está orientada para revitalização econômica de África.

Estas abordagens, de certo modo, justificam que o Ubuntu como conceito gestão tem um papel fundamental para o desenvolvimento econômico na África, tendo em conta as limitações do modelo de gestão vigente no continente. Esse tipo de gestão é eurocêntrico e está orientado pela tradição ocidental dos países industrializados e nem corresponde as aspirações dos povos africanos. Portanto, este não está adequada a realidade africana, desde já, o referido sistema de gestão ou desenvolvimento econômico predominante no seio das organizações africanas não abre espaço para uma integração dos valores socioculturais africanos. Desta forma, vale ressaltar que, as características geográficas não são homogêneas em muitos aspectos, inclusive a cultura. Cada ambiente geográfico tem uma certa especificidade, por isso, a cultura africana é bem distinta relativamente a do ocidental. Isso implica que no contexto africano, Ubuntu como um modelo de desenvolvimento econômico e gestão integrante de valores culturais, deve assumir função preponderante e determinante para o êxito de qualquer organização que atua no continente. Entretanto, ainda não há evidências claras que possam demonstrar as práticas de Ubuntu nas organizações, ou seja, no cenário de desenvolvimento econômico africano Polar et al (2010)

Neste quadro, considerando as crises globais geradas pelo estilo de desenvolvimento capitalista cujas implicações se fazem perceber, na vida social, econômica, jurídica, política e ambiental, sobretudo, no continente africano. Em virtude disso, tal modelo suscita a necessidade de uma alternativa que visa novas formas de produção do conhecimento pensando em novos projetos da sociedade.

Mediante o forte processo de modernização e globalização, acompanhada pela expansão do desenvolvimento capitalista, isso levou a uma alteração profunda na forma de produção, organização política econômica e social do continente africano. De um modo ou outro, este estilo de desenvolvimento predominante, perpetua a desigualdade e não permite o enfrentamento da pobreza. Diante desse desafio colocado, torna-se óbvio uma necessidade clara a uma alternativa satisfatória que possibilitará o progresso econômico para o povo africano.

Neste cenário, procuramos entender de que forma a relação entre Ubuntu e desenvolvimento econômico na África pode influenciar a dinâmica econômica. E como essa relação pode contribuir para uma mudança profunda e positiva tanto no desenvolvimento econômico assim como no modelo de gestão? Uma vez que a integração da filosofia Ubuntu

no âmbito de desenvolvimento econômico, pode trazer benefícios econômicos, pois a experiência de algumas empresas sul africanas nos demonstra isso. Tutu (2004) afirma que, a empresa Eskom registrou um lucro de 5.2 R bilhoes de rand num periodo de 15 meses em 2005 após ter introduzido Ubuntu na empresa. O mesmo Tutu reitera a filosofia Ubuntu tem sido como uma força motora no sistema de gerenciamento de South African Airways (SAA) em 1994. Essa experiência pode representar uma prova da importancia dessa relação.

Porque o Ubuntu carregado de valores sócio- culturais africanos e sua presença ainda é praticamente invisível nos moldes de desenvolvimento econômico da África? Nesta questão levantada, podemos citar alguns fatores que estão na origem desse fato. O investimento direto estrangeiro (I D E) nos países em desenvolvimento tem aumentado, consideravelmente, nos últimos vinte anos, reforçando desta maneira a ideologias estrangeiros no sistema de gestão (PENNIK; POLAK e SIGGER 2010).

Qual é a necessidade de estabelecer essa relação, e qual será a sua importância par sociedade africana? De que maneira, esse diálogo entre Ubuntu e desenvolvimento econômico no continente pode ser determinante para uma ruptura radical da exclusão, econômica ou seja, um desenvolvimento excludente e irradicação da pobreza na África

3 HIPÓTESES DA PESQUISA

As respostas provisórias que constituem as hipóteses dessa nossa investigação podem se formular dessa forma:

A filosofia de Ubuntu como forma de pensamento africano contemporâneo parte da cosmovisão ancestral para problematizar os problemas que os povos africanos encontram hoje. Como tal oferece um referencial teórico e político para enfrentar os problemas do desenvolvimento do continente.

Ubuntu dentro do questionamento do uso que se faz sobre o conceito de desenvolvimento (Latouche, por exemplo) pode servir como um novo conceito para se pensar o bem-estar dos africanos no plano social, cultural, econômico, político e jurídico. Todavia, na literatura levantada, percebe se que em muitos poucos espaços africanos vem sendo usado como ferramenta de gestão, política econômica ou do desenvolvimento.

4 OBJETIVOS DA PESQUISA

4.1 OBJETIVO GERAL

O presente projeto faz parte de um macro-projeto que tem como objetivo geral, efetuar um conjunto de atividades investigativas, focando na literatura dos/as intelectuais africanos/as e afro-diaspóricos/as que debatem com a filosofia ancestral do Ubuntu/bisoidade almejando a construção de uma nova sociedade.

4.2 OBJETIVOS ESPECIFICOS

- Compreender a relação entre Ubuntu e o desenvolvimento econômico da África a partir da literatura africana.
- Analisar nos documentos da Comissão econômica da União Africana, da Agenda da União Africana de 2063, do Banco do Africano Desenvolvimento e da Comissão do Desenvolvimento Econômico da África se há um diálogo com a filosofia do Ubuntu ou outra filosofia ancestral.

5 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

5.1 UBUNTU EM RAMOSE

Para sabermos a relação existente entre Ubuntu e desenvolvimento econômico na África, que é o nosso objetivo, se faz necessário de antemão conhecer os fundamentos filosóficos da ética de Ubuntu. Para Ramose (2002), Ubuntu ontologicamente é o pensamento africano dos falantes da língua bantu. Como conceito está ligado ao Umuntu. Devido a esta ligação, Umuntu deriva ubuntu como sua categoria normativa básica da ética. Kagamé, citado por Ramose, compreende que Kinntu, Muntu Hantu e kuntu que são quatro categorias da filosofia africana. No entanto enunciação não é completa nem suficiente sem a inclusão de quinta categoria filosófica africana que é Ubuntu que é uma categoria ético-normativa.

O termo Ubuntu que é a junção entre Ubu e Ntu mas que não são ontologicamente diferentes ou separadas radicalmente, elas são ligadas e indivisível. Como sabemos a posição filosófica africana considera o movimento como princípio de ser. Com essa base, Ubu é o ser encoberto e está sempre orientada em direção ao descobrimento, quer dizer a sua manifestação concreta. Ubu está orientada ao Ntu. Ubuntu é concretização de Ubu. Portanto Ubu implica o processo em curso e Ntu é a fase na qual o ser assume a sua forma concreta.

Ainda em relação ao significado ente Umuntu e Ubuntu, Umu e Ubu, elas têm aspecto ontológico idêntico. Ubu, é generalidade mais ampla e Umu tende em direção mais especifico e junta com Ntu, forma Umuntu que é emergência de *homo loquens* que origina *homo sapiens*.

Em relação a ética Ubuntu, Ramose (2002), afirma que se situa em duas plataformas da ética que são: Ética entendida como ciência normativa e outra com um ramo de filosofia. Na tentativa de definir ética Ubuntu, Shutte, citado por Ramose, partiu de duas ideias fundamentadas pela natureza humana. Uma europeia que é a liberdade (o poder de escolha). Outra africana que enquanto lógica, enfatiza a comunidade, o espírito de compartilhamento. Entretanto, o autor Ramose considera exposição de Shutte falha, e uma tentativa de reduzir o conceito Ubuntu a uma essência e a renegar sua característica filosófica. Por isso, para ele, Shutte analisou a questão baseando no ponto de vista eurocêntrico. Portanto Ramose, por sua vez, afirma que Ubuntu implica humanidade e a flexibilidade orientada para o equilíbrio e para harmonia no relacionamento entre seres humanos.

5.2 UBUNTU E O DEBATE DE HARMONIA COM A NATUREZA

A Harmonia Com a Natureza (HCN) é um grupo focal do setor do Desenvolvimento Sustentável da ONU que trabalha para o cumprimento da declaração universal dos direitos da Terra, que visa promover e respeitar o direito da natureza. Os assuntos debatidos nos seus documentos são de extrema relevância. Têm por finalidades: questionar, explicar e tentar solucionar os problemas do uso da terra. Tenta apontar os benefícios da prática desse uso; e desenvolver leis uma perspectiva da jurisprudência da terra, direitos da Mãe-terra.

Neste debate, os textos dos membros da HCN, que analisamos, afirmaram que respeitar a natureza é única forma de assegurar o equilíbrio, e o bem-estar de todos, bem como, promover a prosperidade econômica de todas as nações. Um dos seus membros é o professor doutor

Bas´Ilele Malomalo (2017)[1] da Unilab. Ele defende que nossas ações sobre a natureza é que determinam nosso futuro. Há evidencias claras que mostra a interdependência e interconectividade entre ser humano e natureza, por essa razão devemos reconhecer os direitos dos demais seres. Outros textos apontam que todas as leis humanas devem ser coerentes a lei da natureza, caso contrário causam uma destruição ambiental irreparável. Portanto, existindo leis cujo resultados de aplicação causam danos ao patrimônio ambiental devem ser repugnadas. Ou ainda fundamentam de que as maiores causas da degradação ambiental foram sustentadas pela a ideologia filosófica, cientifica e religiosa ocidental que separa o ser humano da natureza considerando-o como o único, específico e legítimo com direito de dominar e explorar todos outros recursos, ignorando os outros seres. Todos esses discursos e argumentos, assim como o sistema judicial burguês, deram a base ao capitalismo que não estão contribuindo para o desenvolvimento sustentável. Portanto, todo o sistema de uso da terra precisa ser reformulado.

Sobre as questões aqui levantadas chegamos às seguintes conclusões: Algumas abordagens promissoras deram sugestões aplicáveis que possam assegurar os direitos da natureza, outras abordagens sugerem uma reforma dos sistemas jurídicos e da governança, e defendem mudança de paradigma que sustenta o capitalismo, além disso, introdução da lei da terra nos currículos escolares, trabalhar na conscientização da população e promover programas que incentivam respeito a natureza.

5.3 UBUNTU, ECONOMIA E A GESTÃO EM ÁFRICA

Sigger, Polak e Pennink (2010), autores do texto publicado no relatório nº 29 do (Centro de Estudo para Desenvolvimento - CDS) mencionam que, ao analisar a experiência da Tanzânia, perceberam que em relação aos conceitos de gestão no continente africano, não se deve ignorar a filosofia Ubuntu. Estes autores também anotam que o conceito tem foco na humanidade, mas até agora não se verifica nenhuma evidencia confirmando o emprego do Ubuntu em organizações da África. Considerando que Ubuntu com conceito de gestão tipicamente africana, formulado por Lovemore Mbigi (1997), e para justificar o conceito típico de gestão africano, esse autor compreende que a África somente terá condições de concorrer no

[1] HARMONY WITH NATURE – UNITED NATIONSX. Disponível em: http://www.harmonywithnatureun.org/knowledgenetwork/dialogue-inputs/. Acessado em 17 jul. 2017. Texto com leves modificações.

mercado global, quando utilizar o modelo de gestão com ferramentas da filosofia Ubuntu. Lovemore Mbigi admite que África precisa ter maior competitividade no mercado global, mas que não deve imitar o ocidente ou o oriente, caminhando por métodos de própria herança cultural da qual o Ubuntu faz parte. Jackson (2004) aponta o valor do caráter humanístico do Ubuntu como uma condição indispensável para gestão africana. Karsten e IIla (2005), consideram Ubuntu como uma nova forma de reforçar e revitalizar a economia de África, e que gestores africanos devem e podem aplicar Ubuntu aos modelos de negócios.

Basicamente, todos esses conceitos discutidos pelos autores direciona a pesquisa para identificar qual é relação entre a filosofia Ubuntu e desenvolvimento econômico na África, e se tem aplicabilidade no contexto da gestão na sociedade africana. Assim, se abre novas portas perante a crise mundial vigente para uma economia global mais equitativa e sustentável. Desse modo, afirma Sigger et al (2010), para que África possa competir em pé de igualdade com os demais continentes no mercado global, necessita de itos de ordem propria (herança cultural). Não imitando o ocidente ou oriente. Na visao dele, esta herança é o Ubuntu, o Génio africano que se encarrega em cuidar das pessoas. O modelo de gestao ou desenvolvimento adotado ou imposta de forma mimetica ou normativo sobre africanos, pode justificar de fato o real atraso e fracasso no processo de desenvolvimento economico.

Se refletirmos bem sobre o modo de vida e de produçao dos povos africanos, podemos perceber que estao basicamente organizada de maneira coletiva. O papel de comunidade sempre é colocado em primeiro lugar. Por conseguinte, como ilustram Karsten e Illa (2005) a África precisa de criar a sua força de trabalho exclusivamente africana que enquandra a dimensao socio-culturais. Com o mesmo objetivo, Karsten e Illa (2005) lançou um apelo que as organizaçoes africanas vai fracassar se nao forem imediato mobilizar os mecanismos para africanizar seus esforços de gestao, pois bem, adoçao e efectuaçao universal de ideologias estrangeiras que nao se enquadram no contexto africano, pode ser considerada como principais fatores que causam muitas falta de cultura corporativa nas instituiçoes. Concordamos Efetivamente com essa visao que significa a adoaçao das ideaologias estrangeiras, seria nada mais que um poder suave de dominaçao e de estabelecer relaçao de dependencia economica dos paises africanos aos paises industriais. Oviamente as ideologia estrangeiras torna-se povos africanos economicamente refem do sistema dos paises mais industrializados.

Ainda neste painel de doaçao das ideologia alienegena, sublinha Karsten e Illa (2005) que tanto organizaçoes quanto gerentes precisam de vencer sua dependencia de gestao exclusivamente branca, pautar em desenvolver idéias peculiares de gestao afrocéntricas, o que

quer dizer que os africanos devem elaborar conceitos a partir de uma concepçao inerente ao desenvolvimento. Ao longo dos tempos, é notavel que muitos paises africanos estao sendo economicamente explorado de forma abusiva pelos antigos colonizadores. O caso dos paises da comunidade economica (UEMOA) nos revela isso, sobre tudo, o senegal onde começou a surgir manifestaçoes que visa renunciar moeda franco cefea, pois é entendida como facista com pretençao de exploraçao e presevaçao da dependencia economica.

É muito comum ouvir os economistas europeus e norte americano justificar a pobreza dos paises dita terceiro mundo por falta de produtividade principalmente Áfriaca. Afirma Douglass (1991), no seu livro intitulado, ”*Porque alguns paises sao ricos e outros pobres”,* admite que os paises do terceiro mundo sao pobres porque suas instituiçoes recompensa atividades políticas economicas improdutivas. No entanto, no contexto africano, a improdutividade instituicionais nao sao suficiente para justificar a pobreza, mas sim a predominancia do sistema de gestao ocidental que nao está inadequada as realidades africana. isso influenciou muito o funcionamento das instituiçoes africanas, a falta de integreçao dos valores socio-culturais africanas, tais como, costumes, habitos, tradiçoes etc... a falta de coletivismo e comunalismo, espirito de trabalho em equipe nas instituiçoes pode incentivar a baixa produtividade.

De certa forma para Pennik et al (2010) as organizaçoes africana além de nao mobilizar a sua força de trabalho e potencial por falta de uma ligaçao a trabalho de equipe, tambem tem dificuldades de construir o potencial de força de trabalho ou seja impossibilitam o desenvolvimento de cultura corporativa. Portanto a inttregraçao da filosofia Ubuntu nas instituiçoes africana é vital para o desenvolvimento economico. Sustenta Tutu (2004) no ambito africano, levando em conta estes Dimensões sócio-culturais são vitais para a organização, Desempenho e o sucesso final de uma organização.

6 METODOLOGIA

A metodologia seguida nesse nosso projeto é o mesmo do macro-projeto em que está inscrito. Nesse sentido, valoriza-se a interdisciplinaridade que é uma forma de se produzir o conhecimento no campo das Humanidades.

6.1 A COLETA DE DADOS

A coleta de dados será feita a partir da pesquisa bibliográfica e da pesquisa documental. Para Carlos Gil (1996), a pesquisa bibliográfica se desenvolve a partir do material já elaborado, constituído, principalmente, de livros e artigos científicos. As fontes bibliográficas que nos interessam são artigos ou livros produzidos por africanista que trabalham com a filosofia de Ubuntu, a gestão, economia e o desenvolvimento da África. São textos impressos ou eletrônicos que procuraremos nas bibliotecas ou nos bancos de dados da internet.

Para Antônio Carlos Gil (1996), a pesquisa documental assemelha-se muito à pesquisa bibliográfica. Porém, a diferença essencial entre as duas abordagens está na natureza das fontes. Enquanto a essa última utiliza-se, fundamentalmente, das contribuições dos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam, ainda, um tratamento analítico, ou que ainda possam ser reelaborados, de acordo com os objetivos da investigação. Outra diferença observada por ele, entre ambas é que, geralmente, as fontes da pesquisa bibliográfica são constituídas, sobretudo, de material impresso que são colocadas nas bibliotecas, e hoje, em dia em documentos eletrônicos; já as fontes da pesquisa documental são mais diversificadas e dispersas; são localizadas nos arquivos das instituições não acadêmicas do Estado, do setor privado e da sociedade civil. Quanto à construção, a pesquisa documental é feita, ora a partir dos documentos "de primeira mão", fontes primárias que não receberam ainda nenhum tratamento analítico- teórico (cartas pessoais, diários, fotografias, gravações, memorandos, regulamentos, ofícios, boletins, folhetos), ora a partir de documentos de "segunda mão", fontes secundárias que, de alguma maneira, já foram analisadas, tais como: relatórios de pesquisa, relatórios de empresas, tabelas estatísticas etc.

Esses são alguns de documentos que analisaremos:

- AGENDA 2063: África que queremos
- http://www.au.int/en/Agenda2063/popular_version

- Declaração oficial de 50 anos de União da Organização Africana
- http://www.au.int/en/50th-anniversary-solemn-declaration-2013

- FONDATION JOSEPH KI-ZERBO – Pour l´histoire et le développement endogène en Áfrique. Disponível em : http://www.fondationki-zerbo.org/spip.php?article194. Acessado em 17 2016.

- CENTRE SONHAI. Disponível em : http://www.songhai.org/index.php/fr/qui-sommes-nous/vision-mission. Acessado em 17 fev. 2017.

- **The Ubuntu Declaration for a Just and Sustainable World Economy**
- http://www.rightsandhumanity.org/images/uploads/ubuntudeclarationforajustandsustainableworldeconomyf7.pdf

6.2 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS MATERIAIS COLETADOS

Tendo em conta seus objetivos gerais e específicos, essa pesquisa procederá de duas formas na análise e na interpretação de seus dados: o uso do Método de Interpretação de Sentidos e da Avaliação da Quinta Geração. Entendemos a análise como um primeiro passo para a organização do material coletados, e a interpretação como o momento de sua sistematização dentro do quadro teórico para a compreensão dos sentidos das ações dos agentes sociais ou suas práticas.

> A nossa proposta de interpretação de dados de pesquisa qualitativa – aqui denominado de Método de Interpretação de Sentidos – trata de uma "*perspectiva das correntes compreensivas das ciências sociais que analisa: (a) palavras; (b) ações; (c) conjunto de inter-relações; (d) grupos; (e) instituições; (f) conjunturas, dentro outros corpos analíticos*" [...]" (GOMES, 2012, p. 97, grifo do autor).

O Método de Interpretação de Sentidos inspira-se da perspectiva metodológica que defende que o objetivo de ciências sociais é compreender o sentido das ações ou práticas dos agentes sociais. Nesse contexto, a sociologia compreensiva de Max Weber, a antropologia interpretativa de Cliford Geetz e a sociologia do poder simbólico de Pierre Bourdieu são suas referências teóricas (MALOMALO, 2010).

Os estudos de casos que desenvolveremos nos impõem um método de análise e interpretação complementar ao anterior. Como, geralmente, o seu material de trabalho, é documental (vídeos, panfletos, nota pública, avaliações, o projeto em si), optamos pelo uso do método de "Avaliação da Quinta Geração". Trata-se de uma modalidade de pesquisa, com o mesmo nome, desenvolvida pelos pesquisadores canadenses de ARUC-ÉS (Aliança de Pesquisa Universidade-Comunitária em Economia Social), na Universidade de Quebec em Montréal. Nasceu do diálogo entre a sociedade civil e a academia canadense (MALOMALO, 2010).

A Avaliação da Quinta Geração é empregada, geralmente, para se avaliar cientificamente os projetos ou programas sociais, enquanto práticas sociais. Nesse sentido, a avaliação insere-se, no que Thomas Chianca e companheiros (2001) chamam de pesquisa avaliativa, pois visa a produção de conhecimento. Diferencia-se de avaliação enquanto

instrumento de prestação de conta sobre a eficácia, a eficiência ou o impacto de um programa social para os órgãos de fomento. Avaliar, para os pesquisadores de ARUC-ÉS, significa elaborar julgamento científico sobre uma determinada prática social. No caso desta pesquisa, programas ou projetos de desenvolvimento sustentável, equidade de gênero, na África, são vistas como práticas sociais. Como discurso científico, a Avaliação da Quinta Geração tem implicações políticas sobre os programas e a vida social dos sujeitos implicados neles.

> A Avaliação da Quinta Geração coloca então no pano de fundo a questão de articulação entre os atores e o sistema. Constitui um caminho de questionamento sobre a ação global de uma sociedade sobre um ponto de vista particular: o desenvolvimento cultural, a qualidade de vida de um bairro, um setor de atividades econômicas ou um problema social. (FONTAN; LACHANCE, 2005; tradução nossa).

Para Malomalo (2010), a Avaliação da Quinta Geração exige que se concebe o instrumento avaliativo e as ações a serem avaliadas, bem como os programas, como construções e práticas sociais e, historicamente, contextualizados. O foco da avaliação deve ser a valorização recíproca dos saberes acadêmicos e dos saberes locais, das populações, dos movimentos sociais e comunitários, das empresas e governos que movem a construção dos programas sociais.

Para cumprir os objetivos da Avaliação da Quinta Geração é preciso se construir um determinado número de critérios ou indicadores, conforme, as necessidades da pesquisa. Essa nossa pesquisa fundamenta a construção de seus indicadores, na perspectiva do que Pierre-Matieu Le Bel e seus companheiros (2004) chamam de "quadro temático de um desenho de análise de programas". Malomalo (2010) dialogando com estes autores e Jean-Marc Fontan e Élaine Lachance (2005), chegou a identificar oito indicadores que podem servir de suporte para uma avaliação cientificamente sustentada; e entende que a avaliação de cada um deles nos introduz dentro de um tema a ser analisado como uma prática social na sua totalidade.

Os indicadores que o pesquisador deve interpretar, isto é, identificar, analisar e avaliar dentro dos documentos relativos aos programas sociais são esses:

(1) Identificação do (s) informantes. O pesquisador, ao usar o método Avaliativo da Quinta Geração, deve em primeiro lugar se interrogar sobre os agentes sociais produtores das informações que ele coleta para a sua análise, e informar como foram coletadas.

(2) Identificação da instituição/organização. O pesquisador deve se preocupar a saber sobre os agentes responsáveis pelo programa: se é uma instituição governamental, do setor privado ou da sociedade civil; conhecer os princípios gerais que norteiam estes atores.

(3) Identificação do programa. Buscar coletar dados sobre os gestores, os executores e beneficiados; o setor da atuação; descrição das atividades; duração do programa; o quadro territorial; a amplitude; os princípios gerais que norteiam o programa.
(4) Parcerias e financiamentos. Relaciona-se, também, com os indicadores 3 e 4. Conheceres os valores dos parceiros e dos financiadores. O que os motiva a financiar ou participar de um projeto. Procurar saber sobre o valor investido e qual é a sua proveniência.
(5) Metodologia: participação e estratégias. Leva a se questionar sobre a metodologia do programa; sobre seus princípios se são democráticos ou participativos; busca saber as estratégias elaboradas para assegurar a sua participação dos beneficiados: as trocas e incentivos; conhecer as pessoas que realmente beneficiaram do programa e as formas de monitoramento do programa.
(6) Relações do programa com o tema de investigação. No caso desta pesquisa deve se perguntar se o projeto corresponde com as propostas de filosofia ancestral de Ubuntu/Bisoidade e qual seria o paradigma que o sustenta; se se relaciona com os princípios das teorias emancipatórias do Sul global. Buscar saber sobre as atividades que foram desenvolvidas e entender se a problemática do Ubuntu/Bisoidade de forma explícita ou implícita; se o modelo do desenvolvimento perseguido tem a ver com a emancipação ou a alienação dos beneficiados.
(7) Impactos sociais e econômicos de programas. Questiona-se sobre os impactos sociais e econômicos do programa na vida dos beneficiados, financiadores e/ou parceiros. Investigar, por exemplo, se ele teve um impacto na formação de uma identidade pessoal e coletiva; se o programa conseguiu criar uma certa mobilização política dos beneficiados, bem como dentro da empresa que o implementou. Além disso, analisa-se se o programa criou oportunidades de empregabilidade, de desenvolvimento, de mudança social, de inclusões de mulheres.
(8) Avaliação da avaliação do programa. Aproxima-se com indicador 1 que busca saber se o programa foi avaliado ou não, e quais são os agentes avaliadores; se são internos ou externos. Averiguar o método usado para avaliação. Saber da modalidade e finalidade da avaliação, se esta é política ou científica. Averiguar se as metas e objetos do programa foram alcançados.

7 CRONOGRAMA

ANO/SEMESTRE	2016		2017	
	1ºSemestre	2ºSemestre	1ºSemestre	2ºSemestre
Participação no macro-projeto sobre Ubuntu; grupos de estudo; orientações	x	x	x	X
Levantamento do material de pesquisa; fichamento do material	X	X	x	x
Elaboração; apresentação do projeto	X	X	x	x

REFERÊNCIAS

AGENDA 2063, **África Que Queremos,** versão final abril, 2015 versão popular CENTRE SONHAI. Disponível em : http://www.songhai.org/index.php/fr/qui-sommes-nous/visionmission Acessado em 17 fev. 2017.

CULLINAN. C. **2016 Virtual Dialogue on Harmony with Nature – Theme Earth Jurisprudence**: Earth-centered Law
See http://therightsofnature.org/rights-of- nature-tribunal.) acessado 16 de abril 2017 20h

JAMES. K. K, ELLA. CINDY. K.U, University of Malawi, Blantyre, Malaw: **Indigenização de Estratégias Corporativas em África: lições da Filosofia do Ubuntu Africano** University of Malawi, Blantyre, Malaw China-USA Business Review, ISSN 1537-1514 july 2013, Vol. 12, No. 7, 672-689

JACSON T. **Management and change in Africa:** A cross-cultural perspective. 1ª Ed. Oxon, Reino Unido: Reutledge, 2004. 300 p

KARSTEN, L. & ILLA H. (2005). **Ubuntu as a key African management concept:** Contextual background and practical insights for knowledge application. Journal of Managerial Psychology, Vol. 20, No. 7, pp. 607-620

KASHINDI, J. B**. Una comparación entre 'ubuntu' como antología relacional en la filosofía africana bantú y el planteamiento "nosótrico". Su relevancia en estudios sobre afrodescendientes.** Revista del Instituto Europeo de Estudios Internacionales Salamanca, Espanha, nº 5, p. 46-57, julho/2013

LATOUCHE. S, **A África Pode Contribuir Para Resolver a Crise do Ocidente**? Espaço Plural, vol. XIV, núm. 28, enero-junio, 2013, pp. 175-197 Universidade Estadual do Oeste do Paraná Marechal Cândido Rondon, Brasil

LOVEMORE, M. **Ubuntu** : the African dream in management. Randburg, África do Sul : Knowledge Resources, 1997. 157 p.

MALOMALO. B. **2016 Virtual Dialogue on Harmony with Nature – Theme Earth Jurisprudence,** humanidade, acessado 16 julho 2017, 20h (http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3687&secao=35

OQUEJOIFOR, J. O. **Philosophy of Development or Development of Philosophy?** A Dilemma in Contemporary African Philosophy. Unizik Journal of Arts and Humanities - Vol 10, No 2 (2009). Pp.251-268.

RAMOSE, M. B. **A ética do Ubuntu**. Tradução para uso didático de: RAMOSE, Mogobe B. The ethics of ubuntu. In: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. (eds). The African Philosophy Reader. New
York: Routledge, 2002, p. 324-330, por Éder Carvalho Wen

RAMOSE, M. B. **Sobre a Legitimidade e o Estudo da Filosofia Africana** . Ensaios Filosóficos, Volume IV - outubro/2011. Tradução para uso didático de: RAMOSE, Mogobe B. The ethics of ubuntu.On the legitimacy and study of African Philosophy. Tradução Dirce Eleonora Nigro Solis Rafael Medina Lopes Roberta Ribeiro Cassiano. Revisão Dirce Eleonora Nigro Solis.

NORTH. D. **A Teoria Institucional de Douglass North**1, *Revista de Economia Política, vol. 23, nº 2 (90), abril-junho/2003*

SIGGER, D. S.; POLAK, B. M; PENNINK, B.J.W. **'Ubuntu' or 'Humaness' as a Management,** 2010

TUTU, A. D. **Chapter Four: The African Ubuntu Philosophy,** University of Pretoria 2004,25